

Foi notícia neste fim de ano: após haver nomeado a Mulher Maravilha como “embaixadora para o empoderamento de mulheres e meninas”, a ONU demitiu a personagem de HQ do cargo. O motivo, porém, é o que mais chama a atenção nessa história, por si exótica: uma petição criticando a escolha por se tratar de uma personagem “explicitamente sexualizada” (sic), além de ser “uma mulher branca, de seios grandes, com proporções impossíveis” (sic).

Há quem ache que esse seria, no máximo, um assunto para piada. Permitam-me discordar. Afinal, não se trata de uma conversa de mesa de bar, mas de uma decisão do organismo que congrega o conjunto das nações do nosso combalido planeta, responsável por dirimir polêmicas internacionais, intervir em conflitos armados protegendo civis, promover a paz e o desenvolvimento, defender os direitos humanos. Quando essa entidade que tem tantos assuntos importantes para se preocupar, se dedica a discutir o tamanho dos seios da sua representante, uma personagem de ficção, acho que nós devemos nos preocupar seriamente.

Duas coisas me intrigaram nessa crítica à Mulher Maravilha: em primeiro lugar, que uma personagem de HQ seja censurada por ter “proporções impossíveis”. Se fosse a Minnie, alguém lembraria que uma ratinha não fala? Mas o que mais me impressionou foi o “explicitamente sexualizada”. O que significa exatamente essa expressão? Que a personagem feminina tem a aparência de uma mulher? Por incrível que pareça, é isso que incomoda os críticos da escolha da embaixadora. Para eles, o fato de que uma personagem que representa uma mulher tenha traços que a identificam visualmente como tal é algo censurável. Por quê? Para compreender a lógica dessa crítica é preciso ser informado de que a ONU, seguindo o exemplo de muitos acadêmicos, professores de departamentos de psicologia, filosofia e humanidades, adotou a noção de “gênero” em substituição ao sexo, este último vigente desde que nossos ancestrais tiveram acesso à linguagem para nomear o que tinham entre as pernas e o vucu-vuco que faziam com isso nas savanas africanas. Essa expressão, produto do meio acadêmico norte-americano, pressupõe que o sexo tal como o conhecemos é uma construção social, um conjunto de condutas, atitudes, modos de ser, impostos pela sociedade sobre os indivíduos. Uma construção puramente imaginária, desprovida de qualquer referência tanto simbólica quanto ao real do corpo.

Vejam o tamanho da encrenca em que a ONU se encastrou: a entidade quer fazer uma campanha para o “empoderamento” de mulheres e meninas, mas a personagem símbolo da campanha não pode se parecer com uma mulher, pois isso, segundo a teoria do gênero, é uma imposição cultural que exige que uma mulher tenha uma anatomia feminina! A embaixadora da campanha dedicada às mulheres não deve, portanto, se parecer com uma mulher, senão estaria retirando das mulheres o seu empoderamento e de quebra poderia ser acusada de discriminar todos ou todas que se afirmam mulheres mas têm uma anatomia masculina. O espaço limitado desta rede social (cujos critérios já classificam esta conversa jogada fora como um “textão”) não permite abordar extensamente os inúmeros impasses decorrentes de tal concepção. Porém não posso deixar de mencionar um dado que tem me preocupado: a referência recorrente a Lacan em textos que seguem essa corrente. Como se o pobre do Lacan tivesse algo a ver com as “mérdyas”* geradas pelo discurso universitário.

* Citando o finado Glauber Rocha.